

Dedicava grande “energia e dedicação” às suas actividades. “Próximo das pessoas e solidário com elas”¹¹, “em diálogo aberto e permanente, tentando sabendo escutar, para depois dar todo o apoio possível”, foi um pároco estimado e respeitado, mesmo pelos que não frequentavam a Igreja. Presença “serena e actuante”, diria uma sua paroquiana, foi “arauto rigoroso do Evangelho, mensageiro da graça e do amor de Cristo, pastor vigilante e solícito do rebanho que o Senhor lhe confiara na velha Sé de Coimbra”¹².

Com efeito, acabou a sua vida sacerdotal como pároco da Sé Velha de Coimbra, onde sucedeu a notáveis membros do clero da cidade, onde promoveu colóquios de arte e cultura, convocando para esse efeito universitários de todo o país, e

onde fundou os Guardiães da Sé Velha, entre os quais reuniu inúmeras figuras ligadas a Coimbra, e me admitiu também a mim, quando era Reitor da Universidade Católica. Três dias depois da sua morte,

entrei na Sé Velha para rezar pelo seu antigo pároco, recordando uma amizade pessoal inolvidável e uma exemplar vida sacerdotal, como “guardião” que fez de mim da sua memória. ■

NOTAS

- | | |
|--|---------------|
| 1 Todas as citações sobre a sua vida são extraídas de <i>Testemunhos de uma vida. Jubileu sacerdotal de Mons. João evangelista Ribeiro Jorge</i> , Coimbra, 1996, p.34 | 6 Idem, p. 57 |
| 2 Idem, p.56 | 7 Idem, p.60 |
| 3 Idem, p.34 | 8 Idem, p.84 |
| 4 Cf. <i>III Simpósio Nacional da UCIDT: o Chefe de empresa perante as mutações económicas e sociais em perspectiva</i> , Coimbra, Suplemento de “Empresa. Revista de temas Económicos e Sociais”1965. | 9 Idem, p.64 |
| 5 <i>Testemunhos</i> , op.cit., p.44 | 10 Idem, p.24 |
| | 11 Idem, p.77 |
| | 12 Idem, p.80 |

No Centenário de António José Saraiva

António José Saraiva (AJS) é uma referência fundamental na história da cultura portuguesa – sobre a qual refletiu intensamente, sempre com inteligência e sentido crítico.

Sofreu influências do espírito do tempo, mas teve a grande argúcia de compreender a complexidade na evolução da sociedade e da cultura. O intelectual foi evoluindo, sendo um caso especial na procura de novas respostas aos problemas essenciais que foi encontrando. Foi sempre inconformista – mesmo nos momentos mais marcados. Não é possível, assim, compreender a cultura portuguesa, numa visão panorâmica, sem ler e estudar a sua obra, rica e polifacetada. Como afirmou em 1946, “desde o século XVI sucede-se uma série de tentativas para enraizar entre nós uma cultura que se malogram umas atrás de outras. A história da cultura em Portugal não apresenta um desenvolvimento seguido e consequente, mas estratifica-se



POR
**Guilherme
d'Oliveira
Martins**

Conselho de Administração,
Fundação Calouste Gulbenkian; Conselho Editorial, *Nova Cidadania*

em secções independentes: é uma série de irrupções descontínuas, não tem uma linha diretriz interna” (*Para a História da Cultura em Portugal*, volume I). Esta tendência não significa que não haja bons exemplos, no entanto há ausência de regularidade, o que leva amiúde à repetição e ao decaimento, que obrigam, tantas vezes, a recomeçar quase tudo de novo, com

perda de energias. Faltou elite universitária. Houve um baixo nível da massa e as condições técnico-económicas desta foram frágeis... Deste modo, no caso português, os géneros literários ressentiram-se dessas circunstâncias – no longo prazo, o teatro, o romance não têm a pujança permanente que o lirismo individual apresenta. Há atrofia dos géneros que dependem de um público largo, que falta, e existe hipertrofia dos géneros (exatamente como a lírica) que pressupõem o talento individual. Camões compreende-se a seguir a Bernardim, ao *Cancioneiro Geral* e ao lirismo trovadoresco. Fernão Lopes é um génio singularíssimo. Gil Vicente representa a tensão entre o espírito tradicionalista e as transformações externas que se impunham. E importa ainda lembrar que há uma cultura dos letrados e das cortes portuguesas nesse tempo profundamente hispânica e penin-

sular... A literatura dos Descobrimentos e dos séculos seguintes será outra coisa. Se AJS dedicou uma parte importante do seu labor científico à literatura, a verdade é que procurou sempre ir mais além. “A literatura é a primeira tentativa de definição de problemas que a ciência determina com mais exatidão”. E essa preocupação levará o nosso autor a evoluir nas suas ideias de uma aproximação nítida ao materialismo histórico até uma perspetiva centrada num pensamento crítico liberal-social.

Nos últimos anos de vida, o mestre vai estar empenhado numa revisão do que escrevera. Para definir as épocas da cultura portuguesa sugeria quatro critérios: a perspetiva mítica; a relação entre topo e base, considerando os aspetos económicos e políticos; a pertença ao sistema cultural europeu-ocidental (depois da citada prevalência do peninsular); e o valor de cada época no signo linguístico e no discurso. Nesta lógica, é muito interessante a leitura dos diversos textos publicados em 1980, sob o título *Filhos de Saturno – Escritos sobre o tempo que passa*. São, de facto, fruto do tempo estas reflexões que correspondem ao tratamento dos temas e problemas que preocupavam o intelectual. Os textos de 1974 (desde “Cravo de Maio flor da liberdade”) e 1975 são muito marcados pela esperança e pela crítica (de quem tinha autoridade para a fazer) sobre os caminhos e os perigos da democracia nascente. E a cada passo, lemos, uma simbiose entre o espírito sistemático, a necessidade de cultivar a liberdade crítica e o apelo ao despertar das consciências para uma cidadania ativa. O artigo do “Diário de Notícias” intitulado “O 25 de Abril e a História” (de janeiro de 1979) sobre a descolonização suscitaria polémica acesa e foi ponto de partida para um debate apaixonado no Centro Nacional de Cultura, que serviu de base a um dossiê fundamental da revista “Raiz e Utopia” – aliás fundada por AJS e prosseguida por Helena Vaz da Silva. Hoje, ressalvadas as distâncias, mas conhecendo os dramas da história das últimas décadas, compreendemos a posição assumida – e temos de saudar a coragem e a hombridade de quem considerava, na linha dos homens de *A Tertúlia Ocidental*, que só com ideias e com a audácia de as exprimir poderemos avançar.

Interrogador da identidade portuguesa, considerava que nos habita um espírito de ilhéu, “oscilando entre a aventura fora e a passividade dentro, ou ainda, vivendo a aventura pela imaginação, sem sair do

mesmo lugar”. O português inferiorizar-se-ia, “refugiando-se numa autoironia perfurante, como a de Eça de Queirós, ou numa autocrítica flageladora da sua própria história, como em Oliveira Martins; ora incha o peito para desafiar o mundo ou para o conduzir...”. Trata-se da ciclotimia de Eduardo Lourenço em *O Labirinto da Saudade* – bem enfatizada por Ernesto Rodrigues na introdução a *Filhos de Saturno*. É o humor de Rafael Bordalo Pinheiro com Zé Povinho entre a chacota e a autoironia, que leva ao sarcástico “Panegírico do oportunista”, sobre os perigos do conformista e do competente talentoso que singram pela adaptação às circunstâncias. Mas há ainda a “dificuldade de ser” do português, a misteriosa coita (“gosto de ser triste”), talvez agravada pela subalternidade da *Corte na Aldeia* nos sessenta anos filipinos, e presente na dualidade entre “desafio triunfante e

dificuldade de assumir tranquilamente esse triunfo” (E. Lourenço), já visível na crítica de Gil Vicente. Leia-se o ensaio perscrutante sobre o sebastianismo (“Loucura e História”) e compreenda-se como AJS admirou a Geração de 1870 como exemplo de uma crítica consequente baseada nas ideias, não derrotista ou nihilista, não caída na tentação do fatalismo. Pensa, assim, como Sophia, “que a nossa crise é antes de mais uma crise moral. É essa que está na raiz de todas”. E em carta a Óscar Lopes é claríssimo: “A verdadeira revolução terá que ser espiritual. O homem é agora feito por e para o mercado (...); o que é preciso é que o mercado seja feito para o homem”. E dirá ainda: “a ‘idade da abundância’ é, na realidade, a mercantilização total da vida, a destruição de todos os valores que não se transformem em moeda”.

Quando conheci pessoalmente AJS estava embrenhado em *A Tertúlia Ocidental* (Gradiva, 1990). Tendo estudado Antero, Oliveira Martins e Eça de Queirós, procurou neles uma síntese desafiante para hoje. E admirando Oliveira Martins, dizia: “considerava os seus livros como preparatórios eficazes de uma ação política em que apostou a sua vida. Ele não distinguia os dois planos: o da narração e o da ação, o dos símbolos e o da prática. Procedia como se o passado não fosse um cortejo de máscaras com o seu compasso próprio mas sim como se o passado fosse o antes do presente marchando ao mesmo passo e como se o presente fosse a continuação do passado, estando a diferença entre ambos unicamente na distância a que se encontram do observador”. Eis a síntese do que procurou! ■



Se AJS dedicou uma parte importante do seu labor científico à literatura, a verdade é que procurou sempre ir mais além

